

Alforrias

Rita Santana

edit's
Editora da UESC



ALFORRIAS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENNA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Marcelo Schramm Mielke

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Lourival Pereira Júnior

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

ALFORRIAS

Rita Santana



Ilhéus - Bahia
2012

editus
Editora da UESC

©2012 by RITA SANTANA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000
Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora>
e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA
George Pellegrini

ILUSTRAÇÕES DE CAPA:
La columna rota, de Frida Kahlo (capa)
Lovers Man and Woman, de Egon Schiele (4ª capa)

REVISÃO
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232 Santana, Rita
 Alforrias / Rita Santana. - Ilhéus :
 Editus, 2012.
 76p.

ISBN: 978-85-7455-271-2

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD – 869.93





Às tias Dadá (*in memoriam*), Edna,
Solange e Olívia.
A Beatriz, minha mãe.
A dona Dedé.

A
George e Baísa,
a minha gratidão por Alforrias
virar livro nesta Casa.

[...]

E de todos, Soturno, nenhum foi tão coalescente

Tão colado à minha carne, como tu foste, ausente.
Dirás demasiado. Mas fosca e acanhada, hoje,
Peço-te com o luzir dos ossos
Com a fragilidade de uma espuma n'água
Que me visites antes do adeus da minha palavra.

Hilda Hilst

Sumário

| |
|----------------------------------|
| PREFÁCIO (13) |
| A ESCRIBA (21) |
| ABISMAÇÃO (23) |
| ÁCAROS E CULPAS (25) |
| ACRIDEZ (27) |
| AGRESTIDADE (29) |
| ANDORINHA (31) |
| CASTIDADE (33) |
| CATEDRAL DE MARFIM (35) |
| CREPÚSCULO DAS VERTIGENS (37) |
| DESEJO EXU (39) |
| DESERTO (41) |
| DIÁRIO DA SEPARAÇÃO (43) |
| ECO E NARCISO (45) |
| ELÁDIO (47) |



EMBATE DE VÍBORAS

(49)

ESBELTEZ

(51)

HERDADE

(53)

ÍLIO

(55)

INCLEMÊNCIAS

(57)

MORTES COTIDIANAS

(59)

MUDA NUDEZ

(61)

O PALÁCIO DE CRISTAL

(63)

PERCEPÇÃO DE QUERERES

(65)

SELVA

(67)

SEVERIDADE DAS HORAS

(69)

SOLITUDE DO VENTO

(71)

À SOMBRA DO DIVINO

(73)

TARDO AMOR

(75)

PREFÁCIO



Dois signos são fundamentais para quem se propõe a apresentar um trabalho literário, a empreender, senão enquanto estratégia, este ato inaugural de leitura: o título e a epígrafe do livro. Começo, então, pelo título do novo trabalho de Rita Santana - Alforrias, palavra marcada por um elemento da relação escravo/senhor, clímax de um movimento em direção à liberdade.

Poderíamos pensar/dizer: trata-se de uma lírica de temática afrodescendente, e iniciar um percurso em busca dessa marca anunciada. Dela, no entanto, ecodem dimensões metafóricas que se estendem à condição da mulher frente ao homem (admitindo a possibilidade de um jogo erótico).

co-amoroso) ou à relação do poeta com a palavra. Trata-se, na verdade, de uma relação suplementar entre planos de sentido propostos nesta leitura, perseguindo reverberações inerentes à própria constituição do discurso literário e, de modo mais contundente, lírico. Como exemplo, destaco o poema “Abismação” – estado equivalente ao poético, faz ecoar o “Alumbramento” de Manuel Bandeira. Utilizando-se de signos e imagens que remetem ao contexto da escravidão no Brasil – ancestrais, quilombola, alambique, moleque, plantação de mandioca, alforria - Rita Santana constrói, num jogo de remissão de sentidos, outras chaves interpretativas, posto que o alambique é “de saudades” e a alforria é “dos meus cometimentos”. Amorosos? São apenas sugestões de leitura.

Diálogo amoroso revelador da herança afro no universo semântico permeia outros momentos de Alforrias. O signo de territorialidade, anunciado no título do poema “Herdade”, converte-se em par amoroso marcado pela insubmissão e luta obstinada (“És em mim a Herdade. / O feudo imensurável dos meus quilombos”). Em

“Mortes cotidianas”, o sentimento de banzo expressa uma dada condição de mulher. E “Ácaros e culpas” tece uma imagem de separação: “E você seguiu sem mim em diáspora sem par.”

Configura-se no livro Alforrias a existência de uma voz inequivocamente lírica, que se deixa perceber pelo formato como são concebidos os poemas que o integram e pelas peculiaridades com que são tecidas essas vozes. Note-se que já não falo de uma voz lírica que tudo abarca, mas de uma pluralidade de vozes, todas elas pertencentes à construção poética de um mesmo sujeito: Rita Santana. Sem dúvida, trata-se da poesia de uma mulher, com suas variadas nuances, que passam a circunscrever lugares discursivos referentes a duas principais linhas de força: a percepção feminina sensorial, corpórea, de si e do masculino, e a afirmação da palavra como o lugar de inserção do poeta no mundo.

O primeiro poema – “A Escriba” – é o espaço em que o eu lírico (que é também Rita Santana) assume-se como poeta. Lugar de compromisso, traça uma diferença entre “a escrivá das coisas vás” e “a escriba criva-

da de falas” (ela própria, agente da poesia), lembrando ao leitor a oposição estabelecida por Roland Barthes entre o escritor-escrivente e o *scriptor*. Escriba que voltará a se afirmar no poema “Severidade das Horas” (“Enquanto também eu canto / Meu pranto doce de Escriba”)

Na vertente anunciada por este poema inaugural, incluem-se outros. O poema “Andorinha” realça a matéria poética e o lugar do poeta, embora em outra dicção, que tangencia o mais comum da vida (“As andorinhas existem!”) e os sentimentos humanos, em especial, a dor da perda, a ausência. Destaca-se nesse poema o jogo de palavras, atenuador, em alguns momentos, da solenidade ou complexidade poética de outros.

O diálogo entre a poeta e a mulher aflora no poema “Deserto”, quando essas duas identidades permitem o confronto entre duas dimensões temporais: “Ainda ontem estive mulher e foi bom. / Hoje, sou dada a versos e continuo a ser mulher.” Já em “À sombra do Divino”, reserva-se o espaço do sagrado como refúgio para a solidão do poeta anunciada no verso inicial (“A

quem dedicar versos, se estou só?”).

Chegamos, finalmente, nesse traçado de leitura dos poemas de Alforrias, à vertente erótico-amorosa, cuja temática dominante permite aglutinar as demais, nelas ampliando-se ou fazendo-as convergir para si. Num traçado dos perfis feminino e masculino, a identificação do segundo a partir do olhar do primeiro, estabelece-se uma graduação do mais sugestivamente ao mais explicitamente erótico, de acenos a uma corporeidade e percepção dos sentidos. Na confluência do erotismo com a violência e a perversão, o poema “Embate de víboras” estabelece uma síntese na estrofe final: “Eu e Tu: / Adultério, torpezas e vilanias.”

Já no poema “Ílio”, questiona-se a identidade feminina a partir de elementos do seu corpo. E em “Muda Nudez”, explica-se no corpo o pertencimento da mulher a um homem. O poema “Acrídez” transita no limiar ou fronteira entre o prazer e a dor, e “Crepúsculo das Vertigens” acentua as contradições e complexidades da relação masculino / feminino.

Concluo, afirmando: nenhuma epígrafe é inocente. Também assim acontece

com Rita Santana, ao eleger a companhia de Hilda Hilst para abertura de Alforrias. Epígrafe cujos rastros seguidos pelo leitor permitiram, ao final, confirmar-se a existência das linhas de força que dinamizaram esse trabalho poético e o profícuo diálogo entre duas escritoras, sujeitos do espaço da sua respectiva dicção, que guardam entre si uma outra afinidade, no que toca aos deslocamentos de paradigmas literários. A despeito do significativo investimento nas sonoridades da língua, tão adequado à expressão lírica, Rita Santana consegue associar concisa dicção lírico-dramática a uma expansão (sem derramamento) dos temas eleitos, que se desdobram em nuances ou vertentes de matizes diversos. Marcas que delineiam o perfil do seu livro Alforrias.

Lígia Telles

ALFORRIAS



A ESCRIBA

A estrela entregou-se ao negrume das nuvens
E sucumbiu ao despenhadeiro da Finitude.
Antes, cuspiu o seu grito de fogo
Sobre o plúmbeo das águas,
Sobre a baía do espaço todo azul.

Enquanto a escrivã das coisas vãs,
Sem contê-las - as estrelas -
Tremia diante do leme sem controle.
E via içarem suas velas acesas
Sobre montanhas de cinzas azuis.

A escriba crivada de falas
Perece do silêncio das Constelações

E da hedionda mudez dos Astros.

ABISMAÇÃO

Cá estou na Abismação de cada instante.
Arcada ao Par, sem tê-lo.
Arrastada no levante dos meus ancestrais.
Quilombola tecendo
O algodão doce
Das dúvidas
Dos dias.

Tear do tempo
A fiar o ócio dos meus ossos crus.
Alambique de saudades,
Pileque de tristezas.
Enquanto tu, moleque dos meus desmazelos,
Labutas na plantação de mandioca
E eu fio
A alforria dos meus cometimentos.

ÁCAROS E CULPAS

Eu descobri entre ácaros e culpas
Que não sorrio há muitos rios e embarcações.
O meu nome ficou entre o limo das pedras
E você seguiu sem mim em diáspora sem par.
Cavando velhos fósseis entre as lembranças
Dos remorsos que carcomem a seiva dos
[sobreviventes.
Deixando a herança inflada dos cansanças
E a ira das ressacas deixadas pelos olhos
[de Capitu.

Você seguiu mascando urtigas no meu velório.

E eu, como esta máquina de datilografia,
Estou entregue, há anos, ao desamor
Das coisas apropriadas ao Abandono.

O meu sol, consolo não tem!
Nem manchas vermelhas sobre a pele,
Nem resfriamentos no inverno da carne,
Nem meras subjetividades de palavras vazias.

ACRIDEZ

A noite acortinou-se sobre o meu sorriso
E nada mais seria, desde então:
Comunhão de corpos, inclusão de membros,
Festejamento de carnes,
Nem mesmo amplidão de águas.

Vi-me no falecimento das ânsias
A sangrar sobre o vinhaço.

Corria mansidão sobre o meu desespero
E em tempos desiguais o querer perdeu-se
No despenhadeiro da distância.
O gosto perverso da separação
Ventilou minha boca de mulher que ama.

Ninguém viu o sabor na língua.
Ninguém viu o sofrer dos dentes.

AGRESTIDADE

Tornei-me bruta
Após travar batalhas de tentares.
O tear do tempo cumpriu-se dentro do universo
E eu apenas cedi ao fim.
Almocei nua no último banquete
E acendi velas à mesa.

Arrumei minhas tralhas e deixei-as!
Alheias aos venenos da aorta,
Alheias aos anéis do abandono.

Deixei o feérico, o cupim, a cumplicidade
[das rotas.
Fiquei à deriva de mim mesma.
Feita toda inteira de atordoamentos
E mutilâncias.

Arrebatada de almas.
Pouco morta.

ANDORINHA

As andorinhas existem!
Saíram das páginas do livro
E resolveram viver
Nas alvenarias
Do invisível.

Mas a tua ausência dentro de mim
[é puríssima dor.
Não há voo que dissipe minha esperança.
Nem vento, nem rosa, nem crença
Que suavize a melancolia parasita nos ossos.

Alheios desejos nos levaram
Para ilhas opostas:
Tu foste para Creta.
Eu, para o Crato.
E do anonimato dos dias
Tenho feito poesia secreta
E prosadura.

CASTIDADE

Castos dias sem saber quais os afincos da alma.
Diante do recluso apego ao tempo,
Eu cedo e finjo dormir na rede.
Enquanto no chão, tu possuis fêmea
[cheia da fome]
Que nunca tive por ti.

Em outros tempos, serei eu a Sequiosa.
A Obstinada
Por tua aderência óssea.
Por tua via Láctea de chocolate amargo
Por tua galáxia de asfixias.

Mas hoje não o sou.
Sou apenas Égua bravia
A lançar coices com o casco do Esquecimento.



CATEDRAL DE MARFIM

Ele atropela regras de pertencimento
E toma posse dos meus feudos,
Naufraga em meus açudes rasos,
Desperta carícias clandestinas
Na corporeidade do desejo.

Decifra meus rastros arrastados no chão da Casa,
Lambe o osso exposto do meu sexo,
Rompe seus votos de castidade,
E me põe à vontade em sua Catedral de Marfim.

Ele é assim, afeito aos meus mistérios
E dono testamental dos meus dotes.

CREPÚSCULO DAS VERTIGENS

Ante o teu olhar de céu marítimo,
Cedo oferendas ao teu cinismo-seco.
Crepusculo raízes de verdades verdes,
E ainda assim, quero-te meu!
Apaixonado e obscuro-louco,
Encantador das minhas servas serpentes.

Mente quem olha em silêncio
Tua brandura!
És ofertado a escândalos de botequins.
Tens no nome um Império de mangues,
E no meu lodo escavas pepitas,
Pratarias de negra apanhada
Em arrecifes de ciúmes.

Vingo-me perante o ópio epiderme de teus olhos
E morro a cada romper de casco sobre pedras.

DESEJO EXU

A pedra seca aponta uma foto digital
Feita com fibras de um desejo Exu.
Medra entre ponteiros o brejo-beijo
Infindo de começos Hermes.

Enquanto isso,
Outras piranhas fedras
Suavizam sua verve
Entre o mundo vagabundo do que passa
E a obscuridade tecelar de quem só serve
E da vida – nunca – nada sorve.

DESERTO

Ausências cercam meu território desértico
E eu afugento galinhas imaginárias
Para parecer menos bamba na fotografia
Das civilizações esquecidas.
Ainda ontem estive mulher e foi bom.
Hoje, sou dada a versos e continuo a ser mulher.
Mas como dói.

Dói o silêncio inócuo dos suplementos
E o ostracismo estético dos Colossos de sal.

Quero a desmemória do efêmero,
Do fácil, e do tangível.

DIÁRIO DA SEPARAÇÃO

Ele vai e volta!

Cada vez mais perdulário dos meus perdões.
Cada vez mais disposto a cobrir de velários
Meus velórios matutinos.

Ele chega menino e se vai vilão,
Zorro assombrando minhas carnes.

Mostra-se quase factível de mudanças,
Mostra-se quase afeito aos meus caprichos

[de fêmea.]

Inferniza minhas ínguas, lambe minha pelve:

– Perverso!

Deposita escarros nos vasos da minha Casa.

E vai-se, Tarzan depois da gripe.

Enredado em seus cipós,

Distante do chão-pergaminho

Das minhas Vertentes.

ECO E NARCISO

Estávamos diante um do outro
Em botânico silêncio.
Era o lugar das águas.
Era o espelho das eras.

As portas frias e os dedos
Diziam a rotina das perseguições.

Nada nascia no estatuto das horas,
Apenas Eco e Narciso
Forjavam o absurdo do encontro
Em meio às valentias de Valentim.

ELÁDIO

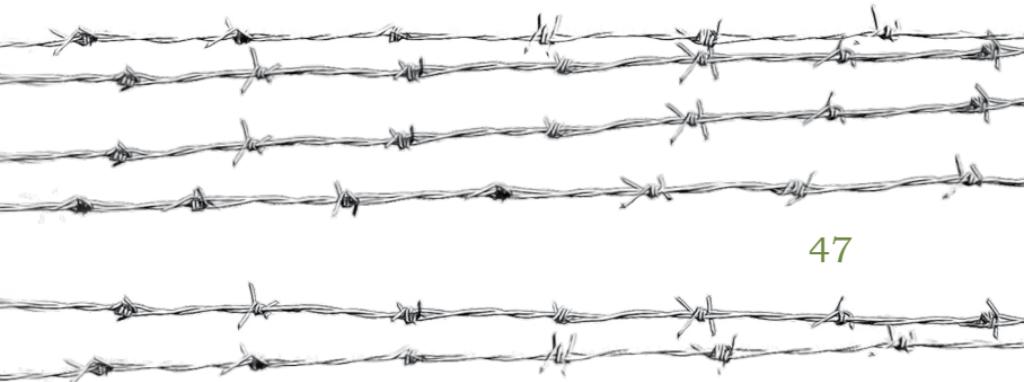
Imberbe verme a comer minhas carnes
De viúva jovem.
Esqueci o pai dos meus filhos
E abandonei a Casa.

Vaguei três noites e três dias,
Rouca no escuro do teu nome.

Sem verve,
E tão já festiva
Em complacência fácil de ternura
Diante da impunidade
Dos delitos cometidos por ti: infame!

Ouvem meus gritos
Os insones,
Os maltrapilhos,
Os desonestos,
Os impuros,
E - nos presságios -
As Loucas e as Putas:

- Eládio! Eládio!



EMBATE DE VÍBORAS

O meu corpo toma o teu,
Trama carnes novas dentro do teu,
E te alinhava na minha pele.
Fere velhas feridas tuas
E não mais regressa,
Deixando ao relento o teu ciúme.

O teu corpo vinha de sangue
O esmalte dos meus dentes.
Morde a maçã e diz malsã
Minha sandice de anemias.

Eu e Tu:
Adultério, torpezas e vilanias.

ESBELTEZ

A quem minha embriaguez seca,
Meus depósitos de pele crua,
Minhas vastidões interrompidas,
Meus abortos clandestinos,
E o meu destino de santa?

A quem ofertar minha Esbeltez
Sem alicerces, nem cárceres,
Nem desbravadas cercanias
Que alimentam a vitalidade
Da minha alma ainda à toa,
Na invasão das tormentas?

Equilíbrio algum
Invalida meus anseios.

HERDADE

Adio os búzios ante a vastidão dos tempos
A fim de ocultar o que em mim
Será o nascer inadiável do sol,
Ou a cicatrização paulatina dos ferimentos.

És em mim a Herdade.
O feudo imensurável dos meus quilombos.
O abandono mais desatinado de mim mesma
E dos projetos de Ser que armazenei nos ponteiros.

Enquanto aguardava o despotismo
Do teu aferro à inércia,
E dizia dos teus erros apenas Pacatez
E dissonância,
Fincava no Desejo o meu deus de obstinações!

Adiava a Exaustão!
Afugentava abstinências!



ÍLIO

Osso meu,
Na ilicitude dos meus requintes.
Cravado em terreno fértil de flamas,
Abnegado esterco na orgia
Dos meus desacertos correntes,
Corpórea mácula na vértebra do meu querer.

Homem Ilíaco!
Indagam sobre minhas adegas
E meus repastos de fêmea acometida
Pelas danosidades da carne.
Indagam sobre minhas vestes e os meus vexames.
Apontam-me entre as professas
Enquanto devassam meus pergaminhos
De mulher conheedora de homem.

Indagam sobre os meus tormentos
Indagam sobre certas Adagas
Fincadas no lastro da minha cama.



INCLEMÊNCIAS

A pedra seca abriga resíduos
Fósseis da saudade extinta.
O tempo roga inclemências Ermas
Nas fibras do meu desespero.
E pinta dor de espátulas
No desconsoło das vésperas.

Dante destes navios,
Minha janela se cansa.
E eu, fruta peca,
Flor sem pétalas,
Coração de máculas,
Mergulho muda
Num mundo-mar de vastidões.

Cansei de ser triste
Cansei desta matéria
Que alimenta e devora
A Poeta,
A Porta da minha casa,
A Puta da avenida Sete.
Aos demônios o cacete
Dos homens demasiadamente
Homens!

Infensos à demência réptil
Da minha esperança Yerma.



MORTES COTIDIANAS

Chove na promessa remissa do feriado
E a migração não cessa.
Entristeci há dias
E o espelho, somente ele,
Revelou o embranquecer dos pelos,
O cansaço da voz,
E a desidratação da esperança.

Chove nos confins da minha alegria.
Virei moça triste sem vontade de sorrir.
Não tenho nada!
E nada resta do ser, senão, securas.
Artroses na atriz, reumatismos no feminino
E uma alergia de afetos.

Há anos não gozo, por puro desgosto!
Há anos não canto, por desencanto!
Há anos não vivo, só tenho banzo!
Por pura preguiça
De subir tantas ladeiras,
E descer tanto Morro,
Morro, morro, morro, morro...

MUDA NUDEZ

Nem saberás da minha oferta de nudez muda
Nem que andei vestida de teus dedos no espelho
Nem que foi tua minha vulva absoluta
E o meu olhar mais caro de desejos.

Ando querendo horas com o teu silêncio
Sem que a cidade saiba do meu mutismo
Nem das páginas do meu calendário
Doadas ao tempo da tua confissão.

Sofro a secura dos dias sem as pedras
Do teu quintal de inventários,
E as Fedras que nascem em meus olhos
Jazem mortes tão tristes, tão tristes.

Vivem tão tristes nos subterrâneos
De um amor que mais se arrefece,
Quanto mais se ama em arrecifes.
Tudo por ti!
Por ti, tirânico espadachim dos meus tormentos.

Amor que nem Veneno mata.

O PALÁCIO DE CRISTAL

Agora que já não somos,
Torno-te mito perfeito
Dos meus desafios.

Sendo o profanador
Das sacras carnes
Em que minto
O demasiado amor
Que tenho.

Pois se o tenho em excesso,
Mais que o confesso,
Mais que o gozo se dispõe
A sê-lo,
Mais labirinto do tempo,
Mais tormento...

Sendo assim,
Mais avassalador
Que o próprio Eros,

Mais que Psique,
Ainda julgo merecê-lo.

PERCEPÇÃO DE QUERERES

Como querer querenças tuas
Se em minhas mãos o meu querer se faz
flama?

Chaga aberta na pele, pereba sem casca,
Adorno à espera de um carnaval disso-
luto.

Labuto com a fêmea cedida
Que apenas deita e abre as pernas.
Sem pungir palavras de pensamento,
Sem pretensão de retrair a carne com
maleitas,
Sem fúria, sem adstringentes pavores.

Como ceder ao teu querer profano de
macho,
Se tenho sonhado com ânforas
Cheias de perfume do lótus?
Como agachar o rabo molhado
Sobre o teu sexo pontiagudo,
E alado - de ovos exangues?

Como aquiescer, sem que me queime?



SELVA

Banho teu corpo de Deus
Nos cuidados dos meus caldos quentes.
Banho-te de Nardo, óleo das Olivas,
Aroma do Lótus.
Acendo-te incensos de mirra,
Cozo alecrim nas carnes para teu regaço.

Adianto os anos para perecer
Mais rápido de velhice
E encontrar teus dias
No crepusculário dos desejos.

Adejar de banjos e tulipas
Sobre nossa cama de incêndios.
Vivo à espera de dezembros que não chegam.
À espera de janeiros,
À espera de abris cheios de março,
À espera de maios nunca tidos
À espera de uns raios da Sicília.

E volto a render tua pele gasta
Com meus dedos de menina, Selva.

SEVERIDADE DAS HORAS

Que lei cega avizinha meus pesares
Nestas sevícias das Horas!
Severidade das ausências mortas
Em que o tempo e seus fiapos de aço
Abocanham os meus dias.
Enquanto as Horas dançam
Ao som de uma lira apolínea
Entre Musas que presidem
A devassa do pensamento.

Enquanto também eu canto
Meu pranto doce de Escriba.

Enquanto em minha barriga
O tempo descansa sua Lança,
E o seu Cansaço.

SOLITUDE DO VENTO

Labutar com a morte
É ofício de santos.
Despedida sem volta,
Sem súplicas.
Nem réplicas.

É relíquia de anjos,
Vício do Nada,
Arrelia das gentes,
Solilóquio
Do Pranto.

Labutar com a morte
É cantar para pedras,
É sorrir ao silêncio,
Solitude do vento.

É um bater de portas na Escuridão.

À SOMBRA DO DIVINO

A quem dedicar versos, se estou só?
Ao cacto preso nos barrancos daquela estrada,
Ao assvio das antigas cantigas de março?

Ao namoro das esquinas noturnas
De apitos e gritos engolidos no silêncio?
Sou aquela moça da janela:
Sem namorado, sem amantes, sem projetos,
Sem teto, sem concretos fingimentos.

Se a poesia resolveu abandonar-me?
- Sim, desde então vivo à sombra do divino.

TARDO AMOR

Tardo amor
A me conceder óbolos
Sem que eu os queira.
Eu, linfa, em tuas veias
A multiplicar meu desencanto
Em cada canto cauto
Do teu medo.

Herdeira de Heredera
Amante das fortunas vastas,
Dos horizontes, das eras vícuas
E distantes.

Eu, maldizada, malfalada,
Maldizente de almas fadadas
Ao infinito.
Morro num grito
Dentro do teu mudo peito.

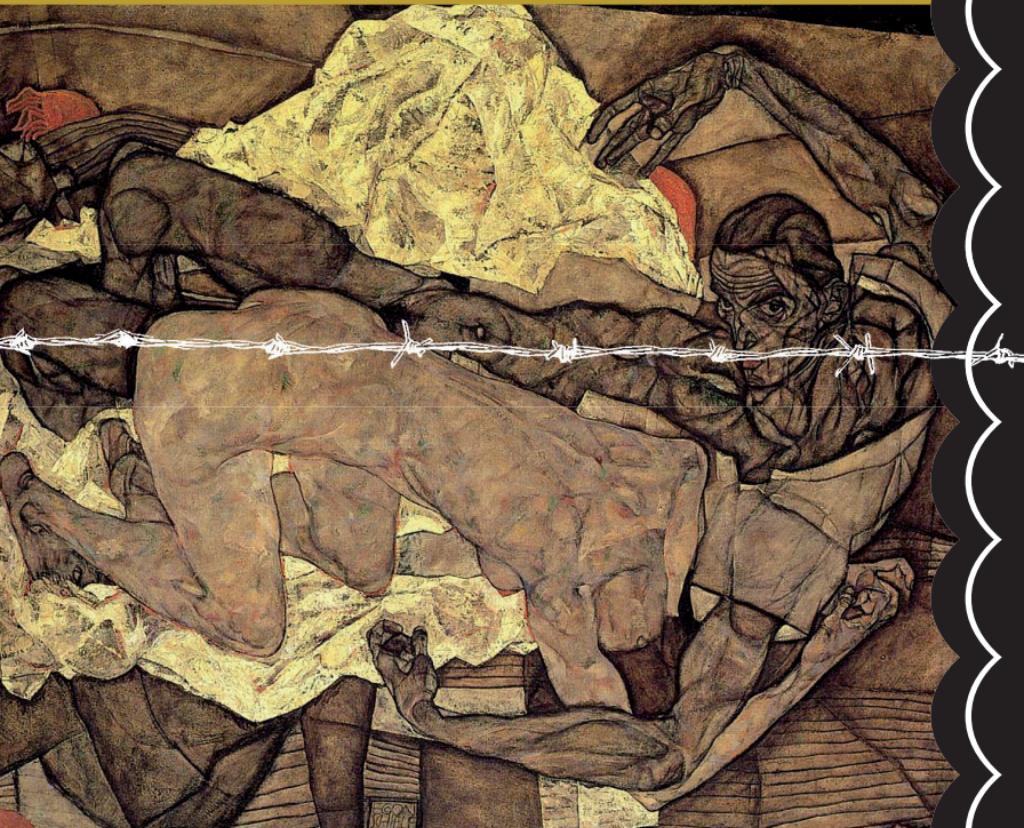


Nota:

* BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.57.



Ele vai e volta!
Cada vez mais perdulário dos meus perdões.
Cada vez mais disposto a cobrir de velários
Meus velórios matutinos.
Ele chega menino e se vai vilão,
Zorro assombrando minhas carnes.



ISBN 978-85-7455-271-2

9 788574 552712